Moçárabes e o Saber Médico em Al-Andalus entre os séculos VIII e X

Mozarabs and Medical Knowledge in al-Andalus between VIIIth and Xth centuries

António Rei *
IEM / FCSH – Universidade Nova de Lisboa

Resumo

Os Moçárabes e o Saber Médico em al- Andalus entre os séculos VIII e X. Os muçulmanos chegaram à Península Ibérica em 711. Os primeiros trabalhos conhecidos da medicina árabe produzidos em al-Andalus surgiram só no século X. Desde sempre houve pessoas doentes e tiveram de haver médicos para tratá-los. O que aconteceu nesse meio tempo? Entre os séculos VIII e X o conhecimento médico na Península Ibérica foi o que permaneceu da medicina grega e romana. Não existiam muitos tratados médicos nas bibliotecas, e o conhecimento sobre as plantas e outras substâncias era também escasso.Os médicos cristãos fizeram uma espécie de ponte entre o passado romano-gótico e os novos tempos, e durante o século VIII e a primeira metade do século IX, alguns textos médicos latinos foram traduzidos para o árabe. Tudo mudou no início do Califado Omíada em al-Andalus, com a tradução do *Livro de Dioscórides*, do grego para o árabe e verdadeiro ponto de partida da medicina do al-Andalus.

Palavras-chave: moçárabes; medicina; al-Andalus

Abstract

Mozarabs and Medical Knowledge in al-Andalus between VIIIth and Xth centuries
Muslims came to the Iberian Peninsula in 711. The earliest known works of Arab medicine produced in al- Andalus are only from the Xth century. Since there was always sick people and had to be doctors to treat them. What happened in the meantime? Between the VIIIth and the Xth centuries the medical knowledge in the Iberian Peninsula was what remained from the Greek and Roman medicine. No much medical treaties in the libraries and a short knowledge about plants and other substances. Christian doctors made a kind of bridge from the roman-gothic past to new times, and during the VIIIth century and the first half of IXth century, some Latin medical texts were translated to Arabic. All changed in the beginning of the Umayyad Caliphate in al-Andalus and with the translation of Dioscorides Book from the Greek to Arabic, and real start point of the Andalusian medicine.

Keywords: Mozarabs; Medicine; al- Andalus.

● **Enviado em: 07/10/2016**
● **Aprovado em: 28/06/2017**

* Doutor em História da Cultura e das Mentalidades Medievais pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, (FCSH – UNL). Investigador Integrado do Instituto de Estudos Medievais, Universidade Nova de Lisboa.Investigador na Escuela de Estudios Arabes de Granada, CSIC (Granada), com Bolsa BPD - FCT / POCH, Lisboa.

1 - Introdução

Os muçulmanos chegaram à Península Ibérica em 711, mas as primeiras obras conhecidas da medicina hispano-árabe que surgiram no al-Andalus datam apenas do século X. Já que sempre houve doentes e que teria de haver médicos para os tratar, o que se terá passado, pois, entretanto, durante cerca de dois séculos? Que medicina haveria então, e quem terão sido os seus praticantes? Procuramos, assim, contribuir para colmatar a lacuna relativa à Alta Idade Média hispânica, e do al-Andalus em particular, através de uma abordagem de síntese sobre este período e conhecimentos.

2 - Conhecimentos médicos entre os hispano-godos (sécs. VI-VII)

A cultura hispano-goda tinha ainda à sua disposição algumas obras da Antiguidade que versavam sobre questões médico-sanitárias. Isidoro de Sevilha, na introdução ao «Livro da Medicina», que integra as suas famosas «*Etimologias*», cita várias vezes Hipócrates e Galeno, duas das grandes autoridades da medicina grega da Antiguidade. Mais adiante, na parte em que o Bispo de Sevilha faz referência a alguns «*Livros Médicos*», fala dos «Aforismos» e dos «Prognósticos», duas das obras da autoria de Hipócrates. Fala ainda também de uma obra intitulada «*Dinamidia*», e na qual seriam tratadas drogas vegetais. Tratar-se-ia, muito possivelmente, de um receituário ou formulário de compostos vegetais, por contraponto com a obra que aparece em quarto e último lugar naquele elenco, um «*Botanicum herbarium*», o qual seria, portanto, uma listagem de plantas (os chamados «simples») e respetivas informações correlativas. Seria assim, e como a própria titulatura evidencia, um herbário[1].

No «Livro da Casa e dos Instrumentos Domésticos» Isidoro diz ainda «Entre os médicos, alguns houve que escreveram sobre a natureza humana, em especial Galeno nos seus livros»[2].

No entanto, e apesar das referências explícitas àquelas duas grandes autoridades nos conhecimentos médicos, o contacto de Isidoro de Sevilha com os escritos de Hipócrates e de Galeno terá sido por via indireta, pois na verdade, para escrever o quarto livro das *Etimologias*, o atrás mencionado «Livro da Medicina», o Bispo de Sevilha ter-se-á servido

1 SEVILHA, Isidoro de, *Etimologias* (org. José Oroz Reta), Madrid, Editorial Católica S.A., 1982, Livro IV, X, 1-4.

2 SEVILHA, Isidoro de, *Etimologias*, Livro XX, 2, 37.

principalmente de compêndios ou súmulas sobre aquelas temáticas, da autoria de dois autores norte-africanos, concretamente Célio Aureliano e Cássio Felix[3], aos quais se limitou, por norma, a copiar de forma integral.

Atendendo ao que surge na obra do Bispo de Sevilha, não se trataria, portanto, para o período germânico, de um horizonte médico muito amplo, quer no respeitante ao reduzido suporte bibliográfico, quer quanto à quantidade de substâncias que então seriam conhecidas e utilizadas.

Aquele conjunto de conhecimentos, entre empíricos e passados a escrito, passou aos cristãos moçárabes, que ficaram detentores de uma herança «científica» que vinha do passado greco-romano, e que, especificamente no campo das matérias médicas, era muito mais grego do que romano.

3 - Memórias da medicina entre os moçárabes

Tendo em conta que o mundo literário moçárabe primou pelo anonimato dos seus autores, será que algo de semelhante se passou no relativo ao campo das artes médicas ?

A principal fonte para este aspeto da medicina moçárabe, ou, mais exatamente, da medicina entre os moçárabes, entre a chegada dos muçulmanos (711) e o surgimento do Califado (929) é a obra de Ibn Juljul *Ṭabaqât al-Aṭṭibâ' wa-l-Hukamâ'* (Gerações de Médicos e de Sábios). De seu nome completo Abû Dâwûd Sulaymân ibn Ḥassân Ibn Juljul foi um médico andalusi do século X (Córdova, c. 943 – idem, c. 993) que exerceu na corte Omíada de 'Abd al-Rahmân III, de al-Hakam II e de Hishâm II[4]. Voltaremos adiante a referir a trajetória de Ibn Juljul.

O livro de Ibn Juljul, apesar de redigido no século X, apenas começou a ser divulgado e conhecido em al-Andalus no século XI. No entanto, foi especialmente a partir da obra de Ibn Abî Usaybi'a, um médico que viveu em Damasco no século XIII, que tendo usado a obra de Ibn Juljul na composição da sua enciclopédia médica, se começaram a propagar informações

[3] Sobre estes dois compendiadores da Antiguidade Tardia, v. LE COZ, Raymond «Les Mozarabes et les debuts de la medecine dans al-Andalus», *cehMaxtoulouse.free.fr/fichier/T405.doc [pdf],* visto em 5-3-2015.

[4] Ibn Juljul, nasceu em Córdova em 943, faleceu na mesma cidade depois de 993. Consagrou-se à medicina desde a idade de 14 anos. Foi discípulo de Hasdai ibn Shaprut, e mais tarde foi o médico pessoal do Califa al-Hishâm II (976-1013). A sua *Tabaqât al-atibbâ' wa l-hukamâ'* (História dos Médicos e dos Sábios) data de 987. Usamos a éd. SAYYID, Fu'âd, Cairo, 1955. V. ainda «Ibn Djuldjul», in *Encyclopaedia of Islam*, 2ª ed. (1960-2005), Leiden / Paris, E.J.Brill / Maisonneuve et Larose, (EI_2), III, pp. 755-756.

relativas à existência de médicos moçárabes que tinham tido um papel de importância nos conhecimentos e na prática médica na Península Ibérica[5].

Na sua obra, Ibn Juljul propôs-se traçar a história da medicina e dos médicos desde a Antiguidade, e nela forneceu informações preciosas sobre os primeiros tempos da medicina no al-Andalus, ou seja entre os séculos VIII e X. Uma das suas fontes foi a obra de Ishâq ibn Hunayn, intitulada *Ta'rîkh al-ATTibâ' wa-l-Hukamâ'* (História dos Médicos e dos Sábios), e na qual transmitiu algumas informações sobre médicos que viveram em períodos anteriores ao surgimento do Islão[6]. Assim, foi possível a Ibn Juljul transmitir-nos, por exemplo, que no al-Andalus houve, naquele período entre os séculos VIII e X, traduções de textos médicos latinos para o idioma árabe.

Ibn Juljul diz também que até à época do emir ʿAbd al-Rahmân II (822-852) não havia em al-Andalus mais do que médicos cristãos, os quais apoiavam o seu saber na tradução dum livro cristão intitulado «*Al-Abrîsim*», e que significaria "recolha".

Esta última informação coloca, ao menos, duas questões. Uma relativa à titulatura arabizada, e outra à obra em si mesma.

Dizemos que é um título "arabizado", porque se trata, de facto, da modulação fonética árabe de um título original em outro idioma. Tratar-se-á, neste caso, dos «*Aforismos*» de Hipócrates, uma das obras médicas que, como já vimos, Isidoro de Sevilha já referira nas suas «Etimologias».

Aventamos aqui a possibilidade de que um manuscrito da obra de Ibn Juljul tenha sido, posteriormente, copiado no Oriente, e terá sido a partir dessa cópia oriental que foi feita a edição.

O sinal deste percurso é a leitura equivocada de um "*fâ*", que tinha, e tem, na caligrafia andalusi - maghribi um ponto diacrítico abaixo do corpo da letra, e que foi entendido, por um oriental, como tratando-se de um "*bâ*", letra com que se poderá realmente confundir, pelo fato de também esta letra ter um ponto abaixo. No Oriente o "*fâ*" tem um ponto, no entanto por cima do corpo da letra. Tomando tudo isto em consideração, e substituindo o "bâ" pelo "fâ",

5 USAYBI'A, Ibn Abî, de seu nome completo Muʾaffaq al-Dîn Abû al-ʿAbbâs Aḥmad Ibn Al-Qâsim Ibn Khalîfa al-Khazrajî, nasceu e faleceu em Damasco, e a sua vida decorreu entre cerca de 1194 e 1270. A única obra que dele sobreviveu *'Uyûn al-anbâ' fî tabaqât al-atibbâ'* (Fontes de Notícias sobre Gerações de Médicos) (ed. Nazar Rida), Cairo, 1965 ; trad. ingl. de Lothar Kopf, 1971 (in Tertullian.org., visto em 12/3/16). V. ainda «Ibn Abî Usaybiʿa», in *Encyclopaedia of Islam*, 2ª ed. (1960-2005), Leiden / Paris, E.J.Brill / Maisonneuve et Larose, (EI_2), III, pp. 693-694.

8 HUNAYN, Ishâq ibn, *Ta'rîkh al-Atibbâ' wa-l-Hukamâ'* (Históra dos Médicos e dos Sábios), (ed. Franz Rosenthal) in revista *Oriens*, t. VII, 1954. Este autor, um médico nestoriano de Bagdad, morreu em 910, e foi filho do célebre Hunayn ibn Ishâq, tradutor, autor e médico de sucesso. V. «Ishak b. Hunayn», in *Encyclopaedia of Islam*, 2ª ed. (1960-2005), Leiden / Paris, E.J.Brill / Maisonneuve et Larose, (EI_2), IV, p. 110.

leremos "*al-Afrîsim*" (*Os Aforismos*), muito mais próximo da forma latina que terá estado na origem do termo arabizado.

Quanto à obra, o facto de a definir como "recolha", como se tal fosse o significado do título, e não uma forma de subtítulo, permite-nos supor que se trataria na realidade de uma das atrás citadas "súmulas" ou "compêndios" (e daí o termo "recolha") que na Antiguidade Tardia tinham sido compostas no Norte de África, e que vieram a servir, no século VII, como fontes para que Isidoro de Sevilha redigisse nas *Etimologias* tudo o que se relacionava com questões médico-sanitárias.

4 - A medicina entre os moçárabes

Como podemos concluir em função do que já dito atrás, não há muita informação sobre a medicina e os médicos na Hispânia romano-goda no período que precede a chegada do Islão.

As passagens da obra enciclopédica de Isidoro de Sevilha, dedicados à área médica, permitem-nos ter uma ideia global sobre o estado destes conhecimentos na sua época, sem que, no entanto, ele refira algum trabalho que se deva a um dos seus contemporâneos, nem nos dá o nome de um só deles.

Para o início do período árabe, sabemos que os monges, depositários em muitos casos destes saberes, estavam a salvo de abusos porque foram cometidos para cuidar dos muçulmanos que estavam de passagem.

Podemos, por exemplo, citar a famosa Igreja dos Corvos, no Cabo de S. Vicente, onde os saberes médico-farmacêuticos também eram cultivados, praticados e eventualmente mesmo ensinados, pelos monges que lá residiam[7].

Qual exceção que confirma a regra, por volta de 860, o chefe da comunidade cristã de Córdova, o Qumis (Conde) moçárabe de seu nome Romano, é documentado como tratando-se de um bom médico[8].

---

7 Sobre a transmissão "internacional" de conhecimentos médico-farmacêuticos na época, v. o excerto seguinte: «[…] Vi muito desta planta (*shajarat al-faras*: árvore ou arbusto do cavalo) próximo da Igreja do Corvo. Informou-me um dos monges que estavam na Igreja de que chegara até eles um cristão de Constantinopla, que falou com ele acerca desta planta e colheu algumas delas. E disse: "Isto é conhecido, entre nós, por "limpa-dentes do Senhor" (*siwâk al-sayyîd*), - referindo-se a Jesus, a Paz seja sobre ele - , e com ele limpam os dentes os mais virtuosos entre nós. […]» in REI, António, *O Gharb al-Andalus al-Aqsâ na Geografia Árabe (Sécs. III h. / IX d.C. – XI h. / XVII d.C.) – apresentação, tradução e estudo*, IEM / FCSH – UNL e FCT, 2012, p. 143.

8 DUFOURCQ, CH.-E., *La vie quotidienne dans l'Europe médiévale sous domination arabe*, Paris, 1981, p. 48.

Quanto à nossa principal fonte, a obra de Ibn Juljul, a mesma foi posteriormente usada por outros historiadores, que na maior parte das vezes se limitavam a copiar integralmente o texto daquele.

Entre cerca de duas dezenas e meia de notas referentes a médicos anteriores ou contemporâneos, seis notas referem-se a médicos moçárabes. Tratam-se de dados mais prosopográficos, que propriamente biográficos, pois a maioria não passam de breves notas, que pouco dizem do indivíduo, e que se limitam, por vezes a atribuir aquele indivíduo a redação de uma obra ou a produção de uma determinado medicamento.

5 - Médicos moçárabes

> «Jawâd, o médico cristão[9]: Viveu no período do reinado do Emir Muhammad (852-886). Há um electuário que leva o seu nome. Deve-se-lhe ainda o chamado "medicamento do eremita", e um xarope, ao qual também ficou associado o seu nome».
>
> «Khâlid ibn Yazîd ibn Rûmân, o cristão[10]: Era um excelente médico, e foi importante na sua época. Morava próximo da Igreja de Santo Acisclo e a sua casa era conhecida sob o nome de casa de Ibn Satkhîrî, o poeta. Na sua prática da medicina acumulou riquezas e honras, e fez construir os banhos (hammam) que levam o seu nome, e que ficam próximos da sua casa. Trabalhava ele mesmo com as suas mãos, sendo um especialista na produção de medicamentos à base de plantas, e os quais se encontram hoje conhecidos em todo o al-Andalus. O monge copta e médico egipcio Nistâs (Anastácio) ibn Juraîj, com quem se correspondia, escreveu e enviou-lhe um texto (risâla) sobre a urina. Khâlid teve um filho, Yazîd, também médico, mas que não teve, no entanto, o mesmo talento para a medicina do que o seu pai.»
>
> «Ibn Malûka, o cristão[11]: Vivia na casa conhecida como Casa de Khalafa, o Chefe dos Correios, e que se encontra em Jurfa. Deixou notícia durante o fim do reinado do Emir 'Abd Allâh (888-912) e no início do de 'Abd al-Rahmân III (912-961). Era cirurgião e um bom sangrador. À porta da sua casa havia um conjunto de trinta cadeiras em que esperavam os seus pacientes.»
>
> «Ishâq o médico[12]: Era o pai do vizir Ibn Ishâq, e era de fé cristã. Era um hábil cirurgião, acerca de quem se contavam curas maravilhosas e surpreendentes. A sua experiência permitiu-lhe ultrapassar os outros médicos do su tempo. Viveu no reinado do Emir 'Abd Allah (888-912).

9 JULJUL, Ibn, p. 93-94; USAYBI'A, Ibn Abî, ed. : II, p. 41; trad. ingl. p. 620; MEYERHOF, Max, "Esquisse d'histoire de la pharmacologie et de la botanique chez les musulmans d'Espagne", *Al-Andalus* 3 (1935), pp. 1- 41, p. 5.

10 JULJUL, Ibn, p. 96; USAYBI'A, Ibn Abî, ed. : II, p. 11; trad. ingl. pp. 620-621; MEYERHOF, Max, *ibidem.*

11 JULJUL, Ibn, p. 97; USAYBI'A, Ibn Abî, ed. : II, p. 41; trad. ingl. p. 621.

12 JULJUL, Ibn, p. 97-98; USAYBI'A, Ibn Abî, ed. : II, p. 42-43; trad. ingl. p. 624.

> «Yahya ibn Ishâq[13] era um médico inteligente e erudito, hábil de mãos e que viveu durante o reinado de 'Abd al-Rahman III, do qual foi vizir. Yahyâ era originário de família cristã, mas converteu-se ao Islão em algum momento da sua vida[14]. Ocupou altos cargos e tornou-se governador de Badajoz durante algum tempo. Era próximo de 'Abd al-Rahman e tinha toda a sua confiança, cuidando-lhe das mulheres favoritas e as do harém.
> Yahya foi o autor de um substancial tratado médico em cinco volumes, escritos à maneira dos cristãos bizantinos, e que teve o título de «al-Abrîsim»[15].

Vejamos em seguida dois episódios envolvendo Yahya ibn Ishâq, recolhidos por Ibn Juljul e transmitidos por Ibn Abî Usaibi'a.

> "Um homem de confiança contou-me [a Ibn Juljul] uma história que lhe tinha sido relatada por um jovem escravo que pertencera ao Hâjib Mûsâ ou ao Vizir 'Abd al-Malik[16]. O escravo dissera-lhe: "O meu amo mandou-me levar-lhe uma carta. Eu estava sentado à porta de sua casa perto da Porta das Nogueiras (Bâb al-Jawz) e eis que chega gritando um homem do campo montado num jumento. Ele avançou até à porta da casa e começou a implorar, dizendo : "Ajudem-me e falai do meu estado ao vizir". Este saiu ao ouvir seus gritos, enquanto me deu a resposta à carta que eu tinha trazido. E perguntou-lhe: "Ei, homem, o que tens?". Ele respondeu: "Oh, Vizir, eu tenho um tumor no orifício do pénis que me impede de urinar desde há muitos dias, e eu estou a morrer." Yahya disse-lhe: "Mostra-me o teu pénis". O homem mostrou-lho e de facto o seu buraco estava inchado. Ele pediu a alguém que acompanhava o paciente para buscar uma pedra lisa. Encontrou uma e trouxe-a. O Vizir disse ao paciente: "Coloca a pedra na palma da tua mão e coloca a tua verga encima." O meu informante disse-me que de acordo ao que o escravo contara, assim que a verga ficou sobre a pedra, o Vizir fechou o punho e bateu-lhe com força, tendo o homem perdido a consciência, e o pus começado a fluir. O fluxo de pus não terminara ainda quando ele recuperou a consciência e começou a urinar imediatamente. Quando abriu os olhos, Yahya disse-lhe: "Vai-te embora, o teu mal está curado, mas tu continuas a ser um homem sem moral. Sodomizaste um animal e um grão de cevada da sua ração tapou a extremidade da tua verga, daí o inchaço. O grão saiu com o pus." O homem reconheceu que fora realmente assim que acontecera." Esta história é prova de uma verdadeira inteligência, e de uma natureza pura, boa, nobre e iluminada.

---

13 JULJUL, Ibn, p. 100-102; USAYBI'A, Ibn Abî, ed. : II, pp. 42-43; trad. ingl. pp. 624-626; MEYERHOF, Max, "Esquisse d'histoire de la pharmacologie et de la botanique chez les musulmans d'Espagne", p. 6.

14 Ibn Abî Usaybi'a diz (apesar de não se encontrar em Ibn Jujul), que Yahya ibn Ishâq se converteu ao Islão, apesar de seu pai ser cristão. V. trad. ing. p. 624.

15 V. supra "2 - Memórias da medicina entre os moçárabes", o que adiantámos relativamente a este título de obra.

16 Os títulos aqui reportados, Hâjib (mordomo-mor do palácio, equivalente a primeiro-ministro) e Vizir (ministro), foram usados na administração Omíada de Córdova (Sobre estes títulos e respetivos cargos, v. ARIÉ, Rachel (1984), *España Musulmana (siglos VIII-XV)*, III vol. da *História de España* (dir. M. Tuñón de Lara), Barcelona, Ed. Labor, pp. 60-65).

> Um outro tratamento, também eficaz, e neste caso aplicado ao próprio soberano 'Abd al-Rahman III permaneceu na memória. Este príncipe teve uma dor de ouvido, na altura em que o Vizir foi governador de Badajoz. Tendo sido tratado sem sucesso, ordenou que fossem procurar Yahya. O mensageiro foi com a missão de trazer o tratamento. O médico deu-lhe as boasvindas e perguntou sobre o motivo de sua visita. Ele disse que o Príncipe dos Crentes tinha uma dor de ouvido e que os médicos tinham falhado. Yahya, ao longo do caminho, parou num mosteiro cristão e pediu para ver um sábio que lá estava. Era um homem muito velho, e ele perguntou-lhe: "Tens um remédio para dor de ouvido? ". O velho monge respondeu: "O sangue quente de um pombo." Yahya chegou junto do Príncipe dos Crentes[17], e tratou-o com o sangue quente que corria de um pombo, e assim o curou»[18].

Ibn Juljul diz-nos também que a primeira obra médica que foi redigida em árabe em al-Andalus, datava do século X. Na mesma época entraram na Península tratados médicos vindos do Oriente islâmico.

Várias vezes aquele autor usou, na sua obra e em relação a alguns médicos, a expressão "trabalhava com as suas mãos". Atendendo aos contextos das notícias, há casos em que a expressão em causa aponta para ações médicas, como as sangrias ou outras intervenções cirúrgicas; embora em outras, a mesma expressão surge correlacionável com a produção, pelo próprio, de medicamentos, sem deixar este aspeto entregue a terceiros, a boticários.

5 - A tradução da obra de Dioscórides em Córdova – o ponto de viragem

A medicina de al-Andalus teve um momento, que não apenas foi importante pelo facto em si, as também pelas pessoas que nele estiveram congregadas.

Tratou-se da tradução de grego para árabe da obre médica de Dioscórides. E a equipa que foi organizada para trabalhar nessa empresa foi chefiada por três homens, que além de médicos tiveram várias outras funções na corte omíada de 'Abd al-Rahmân III. Além da muita e variada experiência que tinham, na vida diplomática e intelectual, já que eram poliglotas, acresce o facto importante, porque também simbólico, de que cada um dos três era de diferente religião: Recemundo, também conhecido como Rabî' ibn Zayd, bispo de Elvira, cristão[19]; Hasdai ibn Shaprut, judeu[20]; e o nosso já conhecido Sulaymân Ibn Juljul, muçulmano.

---

17 O facto médico reportado ocorreu depois do ano de 929, já que foi nesta data que 'Abd al-Rahmân III assumiu a condição e a titulatura de Califa e de Príncipe dos Crentes (Amîr al-mu'minîn), e foi desta última forma que ele surge designado no relato.

18 JULJUL, Ibn, p. 100-102; USAYBI'A, Ibn Abî, ed. : II, pp. 42-43; trad. ingl. pp. 624-626.

19 Recemundo, ou Rabî' ibn Zayd, letrado, diplomata e médico, é um dos autores do chamado *Calendário de Córdova para o ano 961*, de facto intitulado *Kitâb al-anouâ'* (Livro das Divisões). Este calendário agrícola,

Deixemos que seja Ibn Juljul a informar-nos sobre a empresa literária em volta da obra de Dioscórides, mais exatamente a partir de alguns excertos da introdução ao seu *Tafsîr anwâ' al-adwiya al-mufrada min kitâb Diyuskûrîdûs* (Comentário sobre as Variedades dos Simples no Livro de Dioscórides), obra que foi escrita em 982.

> «Este livro chegou a al-Andalus [...] ao tempo em que 'Abd al-Rahman III reinou em al-Andalus, quando o imperador de Constantinopla Constantino VII[21] mandou no ano de 337 [949 d.C.], uma missiva junto com os presentes valiosos. Entre eles havia o livro de Dioscórides, ilustrado com belas miniaturas de plantas gregas. O livro foi escrito em grego (ighrîqî), que é a antiga língua jónica (yunânî). Este envio também incluía um extraordinário livro da História de Orosio, onde há informações sobre séculos passados e a história dos primeiros reis e mais factos importantes. O Imperador dizia mesmo na sua correspondência: "Não poderás tirar proveito de Dioscórides, a menos que seja encontrado um tradutor que saiba perfeitamente o grego e o árabe, e conheça as propriedades destes medicamentos. Se no teu país há um homem que preencha essas condições, encontrarás a maior utilidade neste livro. Quanto ao livro de Orosio tu tens no teu reino quem leia o texto latino no original. Se lho encarregares, eles traduzi-lo-ão para ti." [22]
>
> Ibn Juljul continua: "Não havia então em Córdoba nenhum cristão que fosse capaz de ler grego, que é o jónico antigo. O livro de Dioscórides manteve-se, portanto, na biblioteca de 'Abd al-Rahman, na sua versão grega, e sem ser traduzido para o árabe. Era possível encontrar a obra em al-Andalus, mas as pessoas apenas tinham à sua disposição a versão de Istafan ibn Basil (Stephanos Basilos) importada da Bagdad[23]. Assim, e em resposta à carta, 'Abd al-Rahman pediu ao imperador para enviar um homem que soubesse grego e latim para ensinar os que se pudessem tornar tradutores. Constantino VII enviou um monge chamado Nicolau, que chegou a Córdoba em 340 [952 d.C.]. Havia então na cidade um grupo de médicos que estavam, avidamente, à procura, do equivalente, desconhecido em árabe, de medicamentos que aparecem em

no qual também se encontram informações de tipo médico, foi publicado por DOZY, Reinhardt, *Le calendrier de Cordoue*, Leiden, 1873. O texto árabe é acompanhado por uma tradução francesa de Charles Pellat, e pela tradução latina medieval. Ainda sobre Recemundo, v. SIMONET, F.J., *Historia de los Mozarabes de España*, Madrid, Real Academia de la Historia, 1897-1903, p. 351.

20 Sobre Hasdai ibn Shaprut, entre outros, v. ARIÉ, Rachel, *España Musulmana ...*, pp. 71, 163, 202-204 e 416.

21 No texto consta o nome do imperador Romano I, que tinha sido deposto em 945. Este engano na identificação tem sido, desde há muito tratada por quem tem estudado o envio da obra de Orósio e a sua tradução em meio califal. (v. MOLINA MARTÍNEZ, Luis, « Orosio y los Geografos Hispanomusulmanes », *Al-Qantara* V (1984), pp. 63-92 ; e PENELAS, Mayte, (ed. e estudo) *Kitâb Hurûshiyûsh* (Traducción Árabe de las Historae adversus Paganos de Orosio), Madrid, CSIC, 2001.

22 Quer a obra que tenha sido traduzida de latim para árabe tenha sido a partir do manuscrito enviado de Constantinopla, ou a partir de um manuscrito já existente localmente, a tradução existiu de facto e foi levada a cabo pelo Qumis (Chefe da comunidade) dos mçárabes de Córdova, Hafs ibn Albar. Sobre a tradução e o tradutor, v. PENELAS, Mayte, (ed. e estudo) *Kitâb Hurûshiyûsh* (Traducción Árabe de las Historae adversus Paganos de Orosio), Madrid, CSIC, 2001.

23 Istafan ibn Basil, ou mais exatamente Stephanos Basilos foi um grego que trabalhou para Hunayn ibn Ishaq em Bagdad, nas traduções de obras científicas gregas para árabe. V. PRIORESCHI, Plinio, *A History of Medicine*, vol. IV : Byzantine and Islamic Medicine, Horatius Press, Omaha, 2001, p. 207.

> Dioscórides. Sendo que o mais ansioso a prosseguir esta investigação, e para ganhar o favor do príncipe, era o judeu Hasdai ibn Shaprut. O monge Nicolau tornou-se seu amigo e ele foi capaz de explicar os nomes simples que permaneciam desconhecidos. Ele foi o primeiro a conseguir produzir em Cordóva a teriaga Faruq, ao determinar exatamente as plantas que faziam parte da sua composição. Entre os médicos e ervanários que então procuravam descobrir os nomes dos simples citados na «Matéria Médica» de Dioscórides e identificar as suas propriedades, encontravam-se Muhammad, chamado o ervanário; um outro homem conhecido como al-Basbâsî[24]; Abû 'Uthmân al-Hazzâz, conhecido como al-Yabisa[25] ; e Muhammad ibn Sa'id, médico ; 'Abd al-Rahman ibn Ishaq al-Haytham[26] ; e Abû 'Abd Allah, siciliano que falava grego e conhecia as propriedades das drogas[27].
> Ibn Juljul acrescenta: "Conheci-os todos, e também a Nicolau, e fui amigo deles durante o reinado do califa al-Hakam II (961-976). Nicolau morreu durante este reinado. Com todo este grupo de investigadores foi possível determinar, em Córdoba, no al-Andalus, quais os simples do Livro de Dioscórides e em conhecer as suas propriedades. Nunca mais tivemos nenhuma dúvida acerca deste assunto, pois sabíamos exatamente quais eram as plantas e as suas propriedades, e como deviam ser designadas, à exceção de um pequeno número, uma dezena talvez, o que não tinha importância nem causava perigo»[28].

Uma descrição parcial, porque produzida apenas por um dos participantes na empresa, mas muito significativa, pois tratou-se de um processo de tradução feito a muitas mãos.

Não apenas em função do idioma da redação do texto a traduzir, mas também eventualmente das diferentes comunidades que dele poderiam vir a obter proveito, a partir das informações nele contidas. Não apenas foram tidos em conta diferentes os saberes médicos, mas também as especialidades dos diferentes componentes da equipa.

Esta tarefa conjunta não terá sido, no entanto, uma nova e integral tradução da obra de Dioscórides. Ter-se-á tratado do precisar e identificar da nomenclatura botânica utilizada em grego e eventualmente em árabe oriental, para os termos sinónimos árabes, romances e talvez também berberes, usados no mundo islâmico ocidental de então.

---

24 Outro ervanário, que seria um especialista no funcho, o seu nome *Basbâsî* = o funcheiro, de *basbâs* = funcho.

25 Hazzâz quer dizer «recoletor de liquenes». Era, pois, outro ervanário. Yâbis pode significar «o que seca as plantas». Vários autores entendem que o apodo "al-Yâbisa" significaria que ele era natural da ilha de Ibiza.

26 Al-Haytham, médico de Córdova, era, de acordo a Ibn Abî Usaybi'a o autor de uma obra sobre purgativos e vomitivos, e de uma crítica ao seu colega de Qairawan, Ibn al-Jazzâr, sobre a sua obra *Zâd al-musâfir wa-qût al-hâdir* (Provisões do Viajante e Alimentos do Sedentário); v. MEYERHOF, Max, *ob.cit.*, p. 12.

27 Atendendo às suas capacidades, este elemento deverá ter-se juntado mais tarde à equipa, pois inicialmente havia falta de helenistas em Córdova, o que motivou o pedido do Califa ao Imperador. Na Sicília, antiga possessão bizantina, até tarde falou-se o grego. Recordemos a corte letrada e poliglota do imperador Frederico II no século XIII onde o grego era lingua falada, também pelo próprio monarca.

28 Relato idênctico também recolhido em MEYERHOF, Max, *ob.cit.*, pp. 9-11.

O facto de a mesma empresa ter tido uma equipa multicultural e multiconfessional é um sinal de como o que realmente importa ao ser humano é, de facto, para todos. E tal continua a ser válido, mesmo nos dias de hoje.

6 – Conclusões

No relativo ao que os moçárabes transmitiram, praticaram e inovaram dentro da medicina na Península Ibérica, entre os séculos VIII e X, identificamos uma bibliografia algo escassa e um número muito reduzido de nomes de indivíduos que então sobressaíram em virtude dos seus saberes médicos.

Curiosamente, e apesar da pequena lista que foi possível reunir, podemos constatar uma tendência para a transmissão da profissão dentro da família, passando a função médica de pai para filho. E também o facto de que os que deixaram mais informação, quer científica quer biográfica, foram os que estiveram mais perto do poder, literalmente dos detentores desse poder, os próprios Emires e ou Califas.

Ainda assim temos um cenário de mais de um século, entre 711 e cerca de 840 em que o que permaneceu dos saberes médicos hispano-godos foi o que funcionou efetivamente nos cuidados sanitários no Al-Andalus.

Entre meados do século IX e meados do século X houve dois fenômenos. Um de "islamização", e um de "arabização" da medicina.

Em relação ao primeiro fator, encontramos médicos que tendo sido filhos de cristãos e eles também cristãos, se foram convertendo ao Islão; e o segundo fator, foi-se produzindo, primeiro com a tradução de textos médicos latinos para árabe, e mais tarde, no ponto onde nos detivémos, com a tradução, parcial e onomástica, de grego para árabe da obra de Dioscórides.

Constata-se assim que na segunda metade do século X a medicina andalusi se autonomizara, bibliográfica e cientificamente.

Num futuro, desejavelmente próximo, será de promover um estudo sistemático dos textos moçárabes, em busca de mais informações sobre este tema. Sejam textos em latim ou em árabe, tenham um carater mais ou menos geral; ou tenham, especialmente, um cariz mais ou menos científico, e que tenham surgido ao longo de todo o período entre os séculos VIII e XII.

Dois possíveis e incontornáveis pontos de partida, a nível de conteúdos e de metodologia, são as obras, ainda muito válidas, apesar da idade: *Glosario de voces ibéricas y latinas usadas entre los mozárabes: precedido de un estudio sobre el dialecto hispano-mozárabe*, de Francisco Javier Simonet (1888), e *Glosario de voces romances: registradas par un botánico anónimo hispano-musulmán (siglos XI-XII),* de Miguel Asín Palacios (1943).[29]

Cremos que, dessa forma, será possível alargar o âmbito do que se conhece sobre a contribuição dos cristãos arabizados para a medicina hispânica em particular, e para toda a medicina europeia, e talvez não só, em geral.

[29] SIMONET, Francisco Javier, *Glosario de voces ibéricas y latinas usadas entre los mozárabes: precedido de un estudio sobre el dialecto hispano-mozárabe*, Madrid, Est. Tip. Fortanet, 1888; ASÍN PALACIOS, Miguel, *Glosario de voces romances: registradas par un botánico anónimo hispano-musulmán (siglos XI-XII),* de Miguel Asín Palacios, Madrid, CSIC, 1943 (2ª.ed. fac-sim., Institución "Fernando el Católico", Universidad de Zaragoza, 1994).